



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

GEOGRAFIA DO ESPÍRITO: O ESTILHAÇAR DO HOMEM E DA NATUREZA

GEOGRAPHY OF THE SPIRIT: THE SHARDING OF MAN AND NATURE

(Recebido em 30-11-2022; Aceito em: 03-07-2024)

Jahan Natanael Domingos Lopes

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, Brasil
jahan_natanael@hotmail.com

Resumo

Em busca de compreender a contribuição hegeliana ao pensamento geográfico, versou-se seu caminho teórico entre a geografia do espírito e a geografia do estilhaçamento. Dessarte, conforme as relações de C. Ritter, A. Humboldt e F. Ratzel, estima-se em G. Hegel uma influência incontestável. Encontra-se, pois, o espírito, em sua justaposição das justaposições, o sentido do absoluto em sua perfeição, ao passo que sua explosão aborda o aparecimento do homem e da natureza. A partir do dilaceramento, intenta-se a alienação, pela fé ou pela cultura, em vista de reverter-se ao espírito: caminho impossível; sendo a natureza desejada pelo homem como vinculação a este intento. Imputam-se, assim, os caminhos prático e o teórico: o primeiro, da espiralização particular do espírito gerando cada povo na Terra e o segundo, ao modo de espiralização universal. Neste confronto, nota-se o eurocentrismo hegeliano que, em revisão teórica, extirpa-se na configuração proposta por uma constelação de espirais. Trama-se, por fim, uma concepção de fractal geográfico a fim de conceber a geografização do espírito para complexificar sua história universal em seu saber absoluto.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Epistemologia; História; Espaço; Hegel.

Abstract

In an attempt to understand Hegel's contribution to geographical thought, his theoretical path was traced between the geography of the spirit and the geography of sharding. Thus, according to the relations of C. Ritter, A. Humboldt and F. Ratzel, G. Hegel is considered to be an incontestable influence. Thus, the spirit is found, in its juxtaposition of juxtapositions, the sense of the absolute in its perfection, while its explosion addresses the appearance of man and nature. From the laceration, alienation is attempted, by faith or by culture, in order to revert to the spirit: an impossible path; nature being desired by man as a link to this intent. Thus, the practical and the theoretical paths are imputed: the first, the particular spiralization of the spirit generating each people on Earth, and the second, the mode of universal spiralization. In this confrontation, one can note the Hegelian Eurocentrism that, in theoretical revision, is extirpated in the configuration proposed by a constellation of spirals. Finally, a conception of a geographical fractal is woven in order to conceive the geographization of the spirit in order to complexify its universal history in its absolute knowledge.

Key words: Geographical thinking; Epistemology; History; Space; Hegel.

Introdução

Por conseguinte, o que temos de considerar são diferenças naturais. Devem, antes de mais, dividir-se como possibilidades particulares, das quais se desprende o espírito e, por isso, proporcionam o fundamento geográfico (Hegel, 2013, p. 188)

Em abertura da história da geografia, versa-se, simultaneamente, a história da filosofia. O pensamento geográfico é, por excelência, filosófico. No primeiro capítulo – intitulado: *Geografia e Filosofia* – do livro *Geografia*, escrito no primeiro século por Estrabón [Estrabão] (1991, p. 207), encontra-se: “Se alguma atividade há de ser própria do filósofo, precisamente é a geografia”¹. De modo mais enfático, o clássico diz sobre as facetas geográficas abordando “por um lado sobre assuntos políticos e práticas governamentais, por outro sobre o conhecimento de corpos ou fenômenos celestes e o que está na terra e no mar, animais, plantas, frutas e tudo o que em cada lugar é possível ver”² (ESTRABÓN, 1991, p. 209). Por fim, ele ainda perspectiva a relação entre filósofo e geógrafo, haja vista que “igualmente a sua utilidade, por ser muito multifacetada [...], prescreve implicitamente o mesmo tipo de homem, aquele que ocupa o seu pensamento na arte de viver e na felicidade.”³ (ESTRABÓN, 1991, p. 209). Com isso, assenta-se uma discussão emulada desde as auroras das investigações geográficas em sua compreensão teórico-metodológica.

Introduzido o sentido filosófico da geografia, permite-se abrir o interesse geral a ser aqui defrontado: a noção de *espírito*, discutida pelos primeiros cânones da geografia enquanto ciência moderna. A origem da discussão está em G. Hegel (1966, p. 67), entramando os seguintes conceitos: “a história universal (*Weltgeschichte*) é, de maneira geral, a exteriorização do espírito (*Geist*) no tempo (*Zeit*), enquanto a natureza (*Natur*) é o desenvolvimento da ideia (*Idee*) no espaço (*Raum*). ”⁴ Compenetra-se, nessas acepções, a leitura diversa aos sentidos predicados ao espírito: “ ‘*Weltgeist*’ (espírito do mundo), “*Volksgeist*” (espírito do povo), “*Zeitgeist*” (espírito da época) foram cunhados por filósofos e colegas de Ritter (ex.: Herder, Hegel) e extrapolam a sua dimensão cunhada na relação dicotômica corpo-espírito, herdada da tradição judaico-cristã [...]” (ARANTES, 2018, p. 142). Dá-se, nisto, razão de ser da história através do espírito permeante na espacialidade das ideias ao confronto entre os corpos justapostos espiritualmente.

O pensamento geográfico espraia historicamente em coligação com o contexto filosófico. Em vista do panorama geral, marca-se uma trama a qual: “Os grandes nomes da Geografia no século XIX

¹ Tradução livre de: “*Si alguna actividad hay que sea propia del filósofo, precisamente lo es la geografía*”.

² Tradução livre de: “*por una parte en lo que concierne a los asuntos políticos y a las prácticas de gobierno, por otra en lo que concierne al conocimiento de los cuerpos o fenómenos celestes y al de lo que hay en tierra y mar, animales, plantas, frutos y todo lo que en cada lugar es posible ver*”.

³ Tradução livre de: “*asimismo su utilidad, siendo como es muy polifacética [...], prescribe implícitamente el mismo tipo de hombre, el que ocupa sus pensamientos en el arte de vivir y en la felicidad*”.

⁴ Conceitos traduzidos na reelaboração de L. Arantes (2018, p. 137).

lutam por estabelecer leis, princípios que norteiem a nascente ciência. [...] numa amálgama extravagante em que se somam o positivismo ao cartesianismo, ao kantismo, ao hegelianismo e ao marxismo” (PEREIRA, 2006, p. 34). Essas linhas, ademais, podem ser encontradas nos mesmos autores. O sentido a ser adensado neste trabalho é, em específico, o encontro para com a teoria hegeliana. De modo mais profícuo, versar-se-ão as aberturas da filosofia do espírito na perspectiva geográfica.

Dessarte, com facilidade é possível encontrar, disperso na literatura geográfica clássica, o sentido do espírito atrelado à relação homem e natureza. Doravante, a influência entre G. Hegel e C. Ritter é mútua, inclusive com elogios como: “Ritter foi quem melhor compreendeu as três partes do mundo na sua distinção e as expressou de um modo intuitivo e definido. Encontramos nele sugestões engenhosamente ligadas, referentes ao contexto da história posterior” (HEGEL, 2013, p. 212). Com estas manifestações, têm-se nas passagens ritterianas uma recorrência de sentido próximo ao pensamento do idealismo espiritual, ao discutir a construção do mundo humano:

[...] o olhar da História, mas em sua concatenação com a natureza do planeta, enquanto educandário da espécie humana, e frente a milênios anteriores a tornaram diferente do que havia sido antes, e a ela efetivaram relações completamente outras de seus espaços constituídos. De fato, nisso reside o grande legado da espécie humana também para os milênios futuros, sua morada, seu abrigo terreno, tal como a alma [para] o corpo, apenas gradativamente, tal como a criança tornando-se jovem, aprendendo a empregar e utilizar sua força e o uso de sua estrutura e sentido e seus movimentos e funções até as exigências mais elevadas do espírito humano. (RITTER, 2018, p. 146).

Deste modo, percebe-se entramar a História com o desvelar do espírito em sua ordenação geográfica. Por outro lado, entende-se uma compreensão desigual da influência do espírito humano para com a natureza circundante: “O espírito investigador do homem trata, de tempos em tempos, e com êxito desigual, de romper formas antiquadas, símbolos inventados para submeter a matéria rebelde às construções mecânicas” (HUMBOLDT, 1970 [1849], p. 203). O princípio histórico do espírito ganha dimensão geográfica e, com isso, disparidades diferenciais da transformação do ambiente a partir do meio. A carta de Humboldt para Varnhagen, em 1837, diz: “Os estudos históricos de Hegel interessar-me-ão, especialmente, porque até agora nutri um preconceito selvagem contra a teoria de que toda nação deve ser o representante de alguma ideia particular; que tudo aconteceu ‘para que pudesse vir a acontecer’, como foi escrito pelo filósofo”⁵ (HUMBOLDT, 2009, p. 33). Assim sendo, apreende-se que o autor refletiu e manteve-se crítico ao pensamento hegeliano, sobretudo, em referência a sua dedução da natureza e do homem ideal para o encontro da natureza e do homem real.

⁵ Tradução livre de: “Hegel’s historical studies will interest me specially, because till now I have entertained a wild prejudice against the theory that every nation must be the representative of some particular idea; that everything has happened ‘that it might come to pass’ as was written by the philosopher, I shall read it carefully, and shall be quite ready to quit my prejudice”.

Em um caminho, já historicamente crítico ao pensamento hegeliano, encontram-se clássicos geográficos que o citam e, radicalmente, o criticam em rejeição. É-se dito isso conforme F. Ratzel (1990, p. 91) abre: “Kant, que também foi grande amigo e conhecedor da geografia, foi o primeiro a introduzir-se por uma estrada falsa, que Fichte, Schelling e Hegel seguiram depois, chegando a um resultado geograficamente absurdo” Logo em seguida, ressalta-se, ainda mais, a crítica: “Mas a limitação do conceito de história se manifesta mais que em qualquer outro em Hegel para quem, segundo uma expressão frequentemente citada, apenas é história ‘aquele que constitui uma época essencial na evolução do espírito humano’” (RATZEL, 1990, p. 92). Pauta-se pensar na redução do espaço geográfico, ao serem excluídas “não só a zona glacial e a zona tórrida, ‘porque o calor e o frio são forças muito poderosas que não permitem nenhum espírito humano criar um mundo próprio, mas igualmente a África, na medida em que não se observa aqui nenhum movimento de evolução’” (RATZEL, 1990, p. 92). Depreende-se o interesse aos espaços pouco ou não povoados e, também, uma centelha crítica ao dizer que essa exclusão de naturezas e de povos não é, terminantemente, geografia.

Agravam-se, pois, as críticas ao pensamento hegeliano, demonstrando não apenas um intuito de superação, mas também de intensa leitura e de participação das obras do idealismo absoluto na história da geografia alemã. C. Ritter, A. Humboldt e F. Ratzel admitem, nessa ordem, a diluição da correspondência. Enfatiza-se, nesta trama: “A influência de Hegel pode ser reconhecida na obra de Ratzel e mesmo nos trabalhos de Ritter” (SANTOS, 2008, p. 48). Contempla-se, porém, ao geógrafo mais rente que: “Ritter exerceu influência na obra de Hegel e, ao mesmo tempo, por ele foi influenciado” (BRITO, 2007, p. 27). Essa troca é antitética a partir de que “a crítica que Humboldt dedica à filosofia da natureza, em especial a Hegel e a Schelling, teve em Schiller seu principal interlocutor” (BRITO, 2015, p. 198). Perspectiva-se, para tanto, que “Humboldt é um dos cansados de quem falava Hegel, cansado do museu histórico que a Europa já era. Humboldt é, por isso mesmo, um romântico”⁶ (ZEA, 1999, p. 12). Entende-se, portanto, que ambos os autores embrenham suas discussões entre si, permitindo a sentença fundamental da compreensão de G. Hegel para o pensamento geográfico.

Conforme a abertura da reflexão hegeliana, nos cânones da ciência geográfica moderna, faz-se pertinente um duplo aprofundamento. Em primeiro, guiam-se perspectivar, conforme a leitura hegeliana, suas características acerca da geografia do espírito (HEGEL, 2013; 2014). Ao segundo adensamento, considera-se acerca da geografia do estilhaço, haja vista a explosão do espírito: “O

⁶ Tradução livre de: “Humboldt es uno de los hastiados de los que hablaba Hegel, cansado del museo histórico que era ya Europa. Humboldt es por eso mismo, un romántico”.

universal, estilhaçado nos átomos dos indivíduos absolutamente múltiplos – esse espírito morto –, é uma *igualdade* na qual *todos* valem como *cada um*, como *pessoas*” (HEGEL, 2014, p. 324, destaques do autor). Esta perscrutação tece a abertura do homem e da natureza, em conluio ao fomento crítico introdutoriamente trilhado, a fim de perspectivar a correlação do espírito e de seu estilhaçamento para a formulação do mundo geográfico.

Geografia e espírito

Ao estudar a região, o geógrafo podia compreender a totalidade. Esta totalidade, resultante da pluralidade das coisas, assinala a influência relativamente inconsciente que a visão da filosofia de Hegel teve no trabalho geográfico. Esta noção de pluralidade de fenômenos está no âmago do conceito de paisagem e criava a possibilidade de considerar as regiões como entidades objetivas, independentes do observador, sendo “objetos concretos” da análise geográfica. (Christofolletti, 1982, p. 12)

Em vista de entrelaçar as perspectivas da geografia e do espírito, ter-se-ia um percurso teórico de profusão conceitual de longa história. Adentra-se, primeiro, ao dito de Sócrates no *Fédon* – no qual narra-se o último discurso do filósofo e, por fim, sua morte por cicuta: triste, mas democrática –, citando sua influência: “Ora, certo dia ouvi alguém que lia um livro de Anaxágoras. Dizia este que ‘o espírito é o ordenador e a causa de todas as coisas’. Isso me causou alegria. Pareceu-me que havia, sob certo aspecto, vantagem em considerar o espírito como causa universal” (PLATÃO, 1983, p. 104). Desta maneira, intenta-se o sentido espiritual como a justaposição absoluta das consciências em uma corporalidade como modo de substância.

Dadas as bases de totalização humana a partir do espírito, atinge-se uma orientação abstrata que se permite empiricização através da história universal. Em busca de cercear uma compreensão do espírito ao passo de G. Hegel (2014, p. 514, destaque do autor), apreendem-se seus momentos de ser: “O espírito é isso, ao percorrer três elementos de sua natureza: [...] o que move é ele; ele é o sujeito do movimento, e ele é igualmente o *mover* mesmo, ou a substância através da qual passa o sujeito” A movimentação é o espírito em sua efetividade – passagem do ideal para o real –, ao que se vincula a espacialidade para o sentido de dispersão de si mesmo no espraiamento do mundo: “O movimento, que faz surgir a forma de seu saber de si, é o trabalho que o espírito executa como história efetiva” (HEGEL, 2014, p. 526). Elenca-se a espiritualidade para a prospecção que abre o mundo, é a justaposição de todas as coisas estranhadas, percebidas e interpretadas.

Ao tecer o espírito em sua idealidade absoluta, extirpam-se as dicotomias dentre o real e o ideal, o ente e o ser, o concreto e o abstrato etc. Há uma circularidade dialética entre si mesmo, em sua dinamização para com o mundo. A substância do espírito é a essência do próprio mundo em sua totalidade: “É a essência que é a essência de todas as essências: a essência espiritual” (HEGEL, 2014,

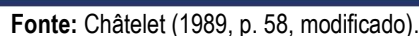
p. 287). Ser essência é, por si, a internalidade da externalidade e, ser substância, é a externalidade da internalidade. Consente-se, já que: “A razão é espírito quando a certeza de ser toda a realidade se eleva à verdade, e (quando) é consciente de si mesma como de seu mundo e do mundo como de si mesma” O mundo, então, prospecta-se na condição do espírito: “Entretanto, a essência em-si-e-para-si-essente, que ao mesmo tempo é para si efetiva como consciência, e que se representa a si mesma para si, é o espírito” (HEGEL, 2014, p. 298). Por consequência, imbricam-se todas as noções conceituais e as categorias no sentido de ser do espírito, é em-si como para-si e para-si como em-si, é a razão do mundo de si mesmo através da justaposição existencial das pessoas em suas essências.

O espírito, anteposto à realidade, é abertura da consciência como consciência-de-si ao mundo. Sua noção é abstração racional em efetivação: “Ou seja: de início, o espírito é *imediatamente* apenas. Mas sendo de modo imediato, o espírito é *singular*, é a consciência prática que avança para dentro do mundo por ela descoberto” (HEGEL, 2014, p. 249, destaques do autor). Implode-se o mundo para a compreensão espiritual, desfragmenta cada essência como parte cuja origem está no ponto infinitesimal da perfeição do espírito. O ser de um objeto assim o é a partir do espírito que o torna existente. É a qualidade ontológica da temporalidade do espírito: “O modo como o espírito do mundo em cada caso *imediatamente* encontra e determina a si mesmo e a seu objeto – ou como ele é para si – isso depende do que já *veio-a-ser*, ou do que já é *em-si*” (HEGEL, 2014, p. 174, destaques do autor). Admite-se, assim, ser o espírito a efetivação dedutiva da história universal, fragmentada em corpos constituídos à indução da alma em retorno do espírito.

Há mais. O espírito, ainda neste caminho abstrato da profusão hegeliana, admite sua explosão em pessoas e elas, ao retorno, agrupam-se (como Si) à busca de retomar a espiritualidade dilacerada: constituindo a alienação. Nesse caminho: “o espírito: essa substância absoluta que na perfeita liberdade e independência de sua oposição – a saber, das diversas consciências-de-si para si *essentes* – é a unidade das mesmas: *Eu*, que é *Nós*, *Nós* que é *Eu*” (HEGEL, 2014, p. 142, destaques do autor). À vista disso, imbrica-se ao entrelaçamento dos seres para Si em busca da fusão em Si, ao intuito dialético de entramação do mundo. Isso posto, desvela-se: “O espírito é a vida ética de um povo, enquanto é a verdade imediata: o indivíduo que é um mundo” (HEGEL, 2014, p. 300). Esse processo, em círculo de progresso e de regresso, formula-se em espiralização ao sentido aberto à espacialidade através da temporalidade do espírito.

O espírito é o mundo todo e todo o mundo, mas implodido em si mesmo à explosão para Si mesmo. Agora, aos prolegômenos do sentido geográfico do espírito, segundo o historiador da filosofia F. Châtelet (1989, p. 52), alia-se: “Desde que o espírito apareceu e quando ele apareceu por um tempo suficiente no seu lugar, ele se desloca para o oeste; então o nascente caminha para o oeste, na

Mapa 1: Volta ao mundo do espírito hegeliano



Transpõe-se o mapa acima como cerne da orientação do espírito aberto como substância da razão. Entre os escritos geográficos mais emblemáticos da obra de G. Hegel (2013) atenta-se ao capítulo da *A Razão na História* intitulado: “O contexto natural ou o fundamento geográfico da história universal”. Por ele, embasado na leitura ritteriana, trata-se de um sentido específico da história: “Povos há que, sem Estado, levaram uma vida longa antes de chegarem a alcançar esta sua determinação – e de assim terem alcançado um desenvolvimento significativo em certas direções” (HEGEL, 2013, p. 163). Contudo, logo em seguida arroga: “Esta pré-história situa-se, aliás, segundo o já indicado, fora do nosso propósito; embora se lhe tenha seguido uma história efetiva ou os povos não tenham conseguido formar um Estado” (HEGEL, 2013, p. 163). Percebe-se, por conseguinte, uma exclusão muito vasta, altamente limitadora do espírito em sua geografização. O Estado, de definição eurocentrada, é a base ao sentido de território da razão, restringindo o mundo à posição de poucas nações. Poder-se-ia dizer, de modo contundente, que: a montanha pariu um rato.

Ao prumo de enfatizar a crítica ao pensamento restrito do espírito à questão da razão europeia, assume-se, ademais, a necessidade de ceifar o entendimento limitado da materialidade humana. Isto é, ao ter geografizado o espírito abriu-se, aqui, manifestadamente, o eurocentrismo cuja limitação prática é ofensiva à abrangência teórica. Cabe, nesse momento, uma crítica a K. Marx (2008) em seu artigo biográfico, escrito no final de 1857, de Simón Bolívar (1783-1830). Nele, percebe-se que “Marx se viu conduzido a trazer novamente à baila a ideia, sempre presente no fundo de seu pensamento, de ‘povos sem história’” (ARRICÓ, 2008, p. 15). O grande pensador alemão expõe uma visão radical às revoluções latino-americanas, centrando em Bolívar, admite “as circunstâncias e as condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco representar o papel de herói” (MARX *apud* ARRICÓ, 2008, p. 15). No texto, há uma correlação de Bolívar e de Napoleão, como se a historicidade latino-americana necessitasse de paralelos europeus, perdendo sua singularidade autêntica. A revolução bolivariana, não sem ressaltar críticas necessárias a Bolívar⁷, é um marcante exemplo contra o pensamento hegeliano e, inclusive, marxiano na concepção materializada do espírito.

Ao se perpetrar na concepção hegeliana da história do espírito, encontra-se o próprio espírito da história. Contudo, é-se na marcha terrestre-mundana do espírito que a geografia é compreendida como abertura ontológica. Verifica-se, pois, a correlação da Terra em sua fisicalidade: “Na visão global geográfica, foi-nos já indicado em geral o ímpeto que assume a História Universal. O Sol nasce no Oriente. O Sol é luz; e a luz é a universal referência simples a si mesma e, por isso, é o universal em si

⁷ Diz-se isso acerca de que “José Aricó, o marxista latino-americano que mais se deteve nesta discussão, pode ter razão quando afirma que Marx não prestou a devida atenção no movimento histórico da independência da América espanhola [...] No entanto, é necessário que se rompa com esta mistificação de Bolívar, segundo a qual o coloca como um personagem identificado com as necessidades dos segmentos sociais explorados da América espanhola do período independentista” (DANCINI; MELO, 2014, p. 230).

mesmo. Esta luz universal em si mesma é, no Sol, um indivíduo, um sujeito” (HEGEL, 2013, p. 242). Além disso, firma-se: a linearidade hegeliana é mascarada na representação em espiral. Sua noção geográfica é uma linha, como no percurso espiritual defronte à Ásia e à Europa: “A China e a Índia persistem no seu princípio, os Persas constituem a transição genuína entre o Oriente e o Ocidente. Se os Persas constituem a passagem externa, o Egito é a transição interna para a vida livre grega” (HEGEL, 2013, p. 247). Disso transita o espírito, sem rupturas nem quebras e, muito menos, poligenia de histórias agregadas em uma totalidade, mas se reduz em uma totalidade geográfica.

Há, como sempre, mais. Para o longo alemão, a História é categoria espiral do rumo linear do espírito, visando que ao fim: “O espírito, como força infinita, conserva em si os momentos do desenvolvimento ulterior e alcança deste modo a sua totalidade” (HEGEL, 2013, p. 253). A totalidade da categoria, reunindo cada parte do percurso como conectada entre si, poder-se-ia dizer ser uma geografia da totalidade para a formulação da geografia da totalidade temporal. Em vista de admitir que o espírito teórico é constituído por diferenças, sua imputação prática é medonhamente homogênea e linear. Ao defronte, ter-se-ão revisadas as bases do estilhaçar do espírito e, portanto, rediscutir a prática geográfica em uma geografia do estilhaço.

Geografia e estilhaço

A educação, os exemplos e o ensino não podem produzir pouco a pouco essa firmeza e perseverança nos princípios em geral, que surge apenas como que por meio de uma explosão que sucede repentinamente ao fastio com o estado oscilante do instinto. [...] Querer se tornar um homem melhor fragmentariamente é uma tentativa inútil, pois uma impressão se extingue enquanto se trabalha numa outra, mas o estabelecimento de um caráter é unidade absoluta do princípio interno da conduta de vida em geral (Kant, 2006, p. 180).

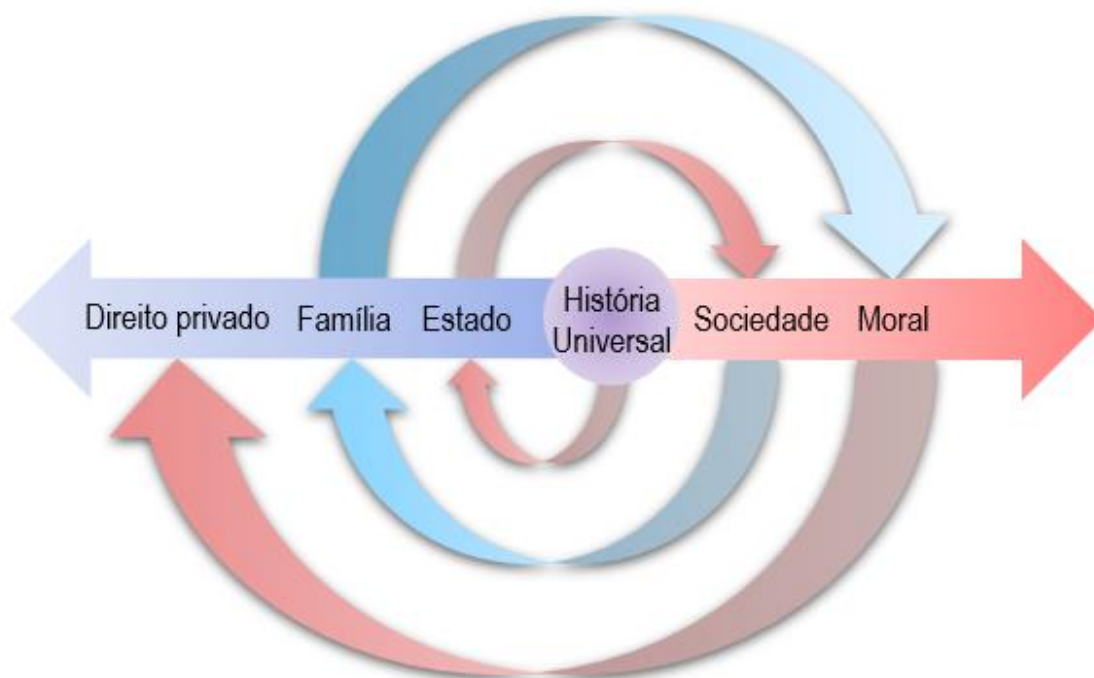
Ao rumo da explosão do espírito, estilhaçado a formar cada conjunto no mundo e, ademais, adentro de cada identidade uma trama de diferenças, imputa-se reestabelecer o estilhaçamento. Desse modo, entender-se deve o caminho do espírito na explosão de culturas e de naturezas distintas: “Os distintos espíritos dos povos separam-se no espaço e no tempo e a este respeito faz-se valer a influência do contexto natural, da conexão entre o espiritual e o natural, o temperamento, etc. [...] enquanto base, onde se move o espírito, é um fundamento essencial e necessário” (HEGEL, 1995, p. 155). Explode-se o espírito já imerso na explosão da natureza, ambos diferenciados e coligados, isto é, vinculados à mesma gênese. Nesse passo, entende-se que há uma jornada historiográfica do espírito em seu dilaceramento, em um curso de vinculação teórica (universal) e ideológica (ao privilegiar o continente europeu). Encontram-se, nisto, as situacionalidades do espaço e do tempo:

Ao pôr a história como o caminho a percorrer por um espírito “divino”, transformando-a em uma *teodiceia*, em uma realização do espírito de Deus na Terra, ao descrever tal caminho Hegel expõe um pormenorizado estudo sobre os fundamentos do processo histórico geral desde a milenar Antiguidade oriental até a consolidação da sociedade burguesa no século

XIX. O espírito, ao ingressar no tempo e espaço determinados, expõe-se ao modo da finitude e, assim, ao modo da naturalidade em geral (ANTUNES, 2005, p. 62).

Há, para tanto, uma tarefa de remontar cada momento do estilhaçar, isso, felizmente, já foi feito pelo jovem – entre os hegelianos de esquerda – K. Marx (2022, p. 174, destaques do autor), nos *Manuscritos* de 1844, ao que: “na filosofia do direito de Hegel, o direito privado suprasumido é = *moral*, a moral suprasumida é = *família*, a família suprasumida é = *sociedade civil*, a sociedade civil suprasumida é = *Estado*, o Estado suprasumido é = *história universal*” Nota-se serem esses conceitos, inclusive, a exata sequência da terceira parte, intitulando os capítulos do livro *Princípios da filosofia do direito* (HEGEL, 1997). Esse é o caminho, ilustrado na Figura 1, percorrente do desestilhaçamento: pessoa, família, sociedade civil, Estado e História universal. Por se tratar de um materialista, identifica-se o caminho inverso do idealista, embora com momentos internos concebidos pelos mesmos conceitos.

Figura 1. Espiralização do espírito humano



Fonte: O Autor (2022).

Compreende-se, desta sorte, o pensamento de constituição em um processo de retotalização, ou melhor, a totalização é o processo de reaver o sentido do espírito. De todo modo, concebe-se que: “a história é a encarnação do espírito na forma do evento, da realidade natural imediata, os graus de evolução são dados como princípios naturais imediatos e estes princípios, enquanto naturais, existem como uma pluralidade de termos exteriores de modo a cada povo receber um” E, por fim, conclui: “É a existência geográfica e antropológica do espírito” (HEGEL, 1997, p. 309). Essa evocação humana é de

suma relevância ao sentido de aferir a existencialidade geográfica como abertura distinta, embora conexa, à antropologia a partir de conceber uma espacialidade à temporalidade existencial.

Guia-se, porém, à questão de volta ao espírito, para além da formulação geográfica humana: o sentido das coisas justapostas como substância espiritual. Em outra analítica, dá-se sequência aos momentos abertos pela *Fenomenologia do espírito*, ao seguinte ritmo:

Do mesmo modo, a qualidade suprasumida é = *quantidade*, a quantidade suprasumida é = *medida*, a medida suprasumida é = *essência*, a essência suprasumida é = *fenômeno*, o fenômeno suprasumido é = *efetividade*, a efetividade suprasumida é = *conceito*, o conceito suprasumido é = *objetividade*, a objetividade suprasumida é = *ideia absoluta*, a ideia absoluta suprasumida é = *natureza*, a natureza suprasumida é = *espírito subjetivo*, o espírito subjetivo suprasumido é = *espírito objetivo ético*, o espírito ético suprasumido é = *arte*, a arte suprasumida é = *religião*, a religião suprasumida é = *saber absoluto* (MARX, 2022, p. 175-176).

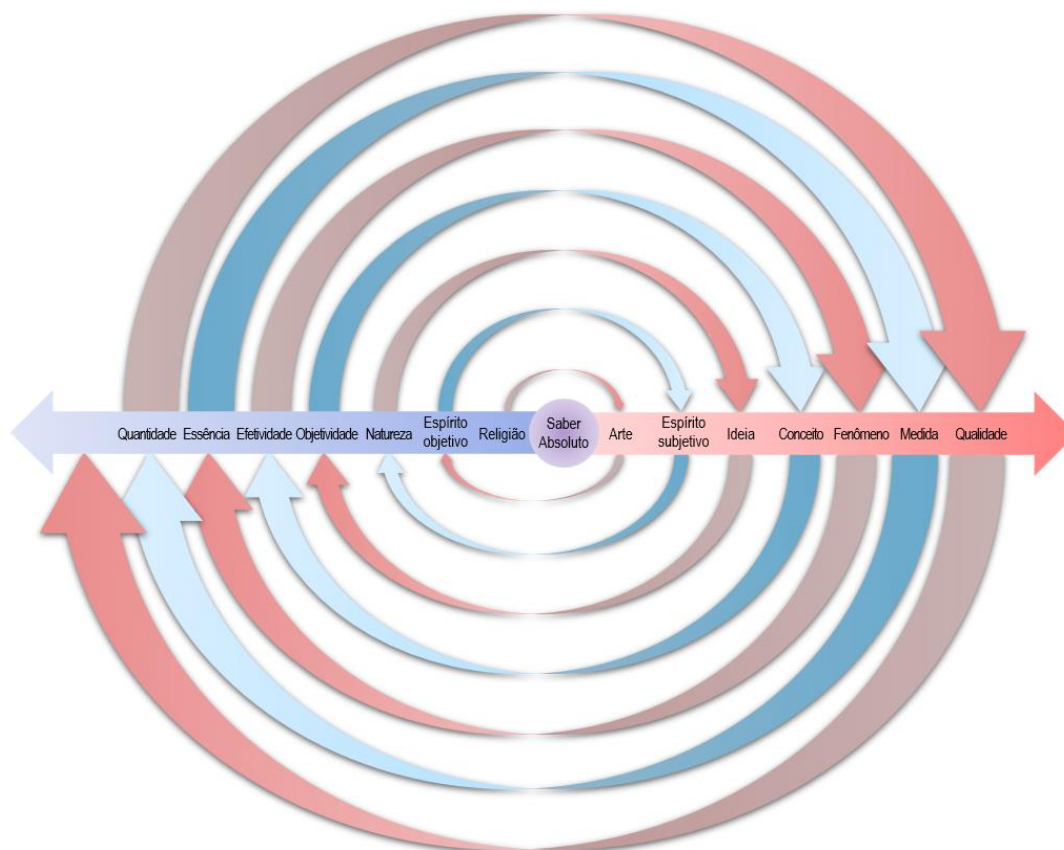
Malgrado o sentido anterior do suprasumido seja o percurso das pessoas ao espírito, tem-se aqui a concepção das coisas ao saber absoluto. Desvela-se, uma vez que “o espírito não é algo abstratamente simples, mas um sistema de movimentos, nos quais se distingue em momentos, embora permanecendo livre nessa distinção” (HEGEL, 2014, p. 231). Em cada momento da explosão, há a oposição do suprasumir que é o estilhaçar: o primeiro assenta determinações e o segundo expurga as determinações. É a dialética do espírito, ilustrada pela Figura 2, tão contraditória quanto se possam ser os dois rumos simultâneos que dão cabo de compreensão do mundo ideal e do mundo real.

A coisa pura abre-se como absoluta, para se abrir como divina, para se abrir como sublime arte, para se abrir como espírito justaposto como objetiva, para se abrir como espírito justaposto como subjetiva, para se abrir como superfície de natureza, para se abrir como superfície de ideia, para se abrir como terreno de objetividade, para se abrir como unidade sistêmica do conceito, para se abrir à realidade da efetividade, para se abrir manifestada como fenômeno, para se abrir constituída em sua essência, para se abrir nas formas de sua medida, para se abrir espraiada em quantidade e para se abrir profícua à qualidade. A coisa explode, estilhaça, neste percurso do absoluto às quali-quantitatividades espalhadas pelo Mundo.

Compreende-se, destarte, que há tanto uma espiralização do homem em suas constituições quanto uma espiralização do homem imerso no mundo. Outrossim, infere-se à orientação geográfica hegeliana, entre outras obras, conforme: “Hegel, em sua ‘Filosofia do Direito’ [...] faz referências ao solo, ao clima, à posição geográfica etc. Considera que a natureza tem um papel na história universal, ao mesmo tempo em que coloca este papel como sendo ‘simplesmente a base geográfica’” (PEREIRA, 2006, p. 35). Estilhaça-se a história universal como o estilhaçar do próprio espírito. De modo mais didático: uma montanha enquanto saber absoluto é espírito puro, ao que em sua explosão final há

todas as qualidades de montanhas particulares no mundo telúrico; ao mesmo caminho, uma nação explode até que, ao fim, cada estilhaço seja uma pessoa em referência desta nacionalidade.

Figura 2: Espiralização fenomenológica do espírito



Fonte: O Autor (2022).

Interessa, porém, o processo delicado de constituição dedutiva espiritual. Em profusão, evidencia-se que: “O movimento da cultura e da fé suprassume essa abstração da pessoa e, por meio da completa alienação, por meio da suprema abstração a substância se torna, para o Si do espírito, primeiro a *vontade universal*, e finalmente sua propriedade” (HEGEL, 2014, p. 400, destaque do autor). Desse modo, a tentativa humana – pela cultura ou pela fé – de remontar o espírito é uma alienação de formulação do assim chamado Si. Encontra-se, portanto, neste caso que “[...] o indivíduo é um Si, como Si universal” (HEGEL, 2014, p. 287). O ser com o outro está ao nível de um Si, ou seja, de uma alienação, haja vista que o encontro do estilhaçado não é o espírito mesmo, mas sua resolutive. Todavia, acreditando (pela fé) ou confiando (pela cultura) no espírito, buscando a Si, a vida tece-se em conjunto humano. Em adicional, versa-se a máxima: “o indivíduo é enviado por seu espírito ao mundo *para buscar sua felicidade*” (HEGEL, 2014, p. 250, destaques do autor). O rumo da felicidade é o de desestilhaçar o estilhaçado, uma aventura angustiante que podemos chamar ao indivíduo (Si) de vida e ao indivíduo universal (Si universal) de História.

Dessarte, pensa-se adentro da espiralização a gradação da linha para o círculo e, desse, para o espiral que liga uma terceira dimensão ao depreendido. Este movimento alarga-se ao tempo, histórico, através da base do espaço, geográfico. Ademais, em ligação dos autores aqui propostos: “Para Marx, Hegel assenta na suprassunção do estranhamento, no retorno da objetividade em-si ao para-si da consciência-de-si, no Saber Absoluto, na Fenomenologia da Experiência da Consciência, enfim, no pensamento mesmo a superação da forma do estranhamento, da dissimulação da verdade” (MARTINS, 2020, p. 229). É, portanto, no espírito puro, justaposição das justaposições, que o aglomerado retorna à verdade recém-explodida. Tudo isso é inútil. Perde-se qualquer sentido absoluto, exceto na abstração metafísica, o para trás do espírito que só ruma ao estilhaço cada vez mais esfarinhado.

Depara-se com a perpetuidade do destino humano buscando sua espiritualidade na imersão do mundo já dilacerado. Fragmenta-se, pois, o próprio estilhaçamento. Arroga-se em mais uma reiteração, que: “[...] todo o igual, toda a subsistência se dilacerou. [...] a linguagem do dilaceramento é a linguagem perfeita, e o verdadeiro espírito existente de todo esse mundo da cultura” (HEGEL, 2014, p. 350-351). Eis o estranhamento da existência geográfica, encontrando o entorno fragmentado e, inclusive, a si mesma fragmentada. O dilaceramento é o modo de ser dos seres, de retorno ao abstrato, isto é, em retorno à amálgama perfeita que jamais existiu. Logo, se percebe a ontologia hegeliana: do nada surge o ser e o ser imerge ao nada.

Os grupos, alienados em essência, que visam retornar ao espírito alienam-se ao sentido religioso. Dá-se vigor ao sentido etimológico de religião do latim *religare*, significando religar, isso através do espírito. Percebe-se que: “a religião, como saber intuído ou *aí-essente*, é o falar da comunidade sobre o espírito” (HEGEL, 2014, p. 436, destaque do autor). As religiões, em sentido aberto, tanto em grupos ligados a deidades supra-terrenas até as ditas correntes científicas e filosóficas são religações: ligadas pelo vínculo da alienação. Dito isso, chega-se ao que “é a religião da *percepção* espiritual em que o espírito se desagrega na pluralidade inumerável de espíritos, mais fracos e mais fortes, mais ricos e mais pobres” (HEGEL, 2014, p. 457, destaque do autor). Dividem-se, na explosão, as percepções e, então, os seres a transformarem todos os entes, seus idênticos. Eis que toda alienação é idealista por excelência, indo do sujeito ao objeto, do ser ao ente, em máxima: a alienação transgride do metafísico ao físico.

O esfacelamento do espírito desagregado, tendo como alicerce o geográfico, formam regiões de natureza e regiões de culturas diversificadas. Essa é a vinculação das alienações em conjuntos humanos rente à dominação da natureza circundante. Expressa-se ao seguinte passo: “Como *substância efetiva*, o espírito é um povo, como consciência *efetiva*, é cidadão do povo” (HEGEL, 2014,

p. 302, destaques do autor). Chega-se à especificidade da espacialidade aberta aos lugares efetivos. O substancial imaculado do espírito enverga-se em diversas direções à expressão de espaços políticos em sentido do território e, ademais, dos locais políticos em sentido dos lugares. Esmiuça-se da totalidade (o ser do total) às parciaisidades e da todidade (o ser do todo) às partidades.

Para a visão da situacionalidade humana em suas configurações para com a natureza circundante, introduz-se a vinculação da Terra que explodiu e do Mundo que a agarra em direção da natureza ao homem. Isso é posto ao que: “A relação geral da determinidade natural que à história interessa é a relação entre o mar e a terra. Quanto ao território, surgem três diferenças fundamentais: deparamos, primeiro, com países montanhosos sem água; em segundo lugar, com vales sulcados por rios e, em terceiro, com litorais” (HEGEL, 1995, p. 159). Essas variações geográficas fazem parte da diferença que surge da identidade do espírito para com a natureza. Dessa forma, conclui-se de modo geral a introdução espacial do homem geográfico:

Conforme seu sistema filosófico, Hegel argumenta que o espaço geográfico é o “lugar” em qual o espírito se expressa. O espaço geográfico nada mais é do que o domínio do Espírito através de sua encarnação em rios, lagos, montanhas, florestas e bosques: se a história é a manifestação do Espírito no tempo, a geografia é a manifestação do Espírito no espaço. Desta forma, a marcha da razão através da história cruza sua marcha através do espaço⁸ (PAPA, 2017, p. 6).

Estende-se a partir do inestendido. Conforme o espírito estilhaça-se em conjunto com a natureza que o circunda e o acomete, a consciência-de-si é natureza à medida de também não sê-la conforme o seu desvelar histórico. Atribui-se a história na geografia, interdependentes, esta como base espacial às diferenças legisladas pela natureza e aquela à humanidade como execução da natureza. Dito isso: “Não surpreende que a reflexão hegeliana conduza à naturalização de uma imagem do mundo para uso e consumo da sociedade burguesa europeia pós-napoleônica e suas aspirações”⁹ (TANCA, 2015, p. 32). O estilhaçamento dá a devida fragmentação da individualidade e, inclusive, perante a natureza que, como objeto de domínio de si mesmo, expressa o desejo humano de espriar-se para além de si em busca do conluio espiritual. Para tanto, a natureza é desejo de dominação como extensão do corpo espiritual e, pela paisagem, a pessoa tem sua redenção: mais uma enganação das pessoas alienadas entre si.

Chega-se, pois, ao encontro entre o estilhaçamento do homem para com o da natureza. Ambos são vinculações a partir do espírito absoluto, explodindo da perfeição à teia de contradições que rumam

⁸ Tradução livre de: “In accordance with his philosophical system, Hegel argues that geographic space is the “place” in which the spirit expresses itself. Geographic space is nothing but the Spirit’s incarnation in rivers, lakes, mountains, forests and woods: if history is the manifestation of the Spirit in time, geography is the manifestation of the Spirit in space. In this way, the march of reason through history intersects its march through space”.

⁹ Tradução livre de: “Non stupisce che la riflessione hegeliana sfoci nella naturalizzazione di un’immagine del mondo a uso e consumo della società borghese europea postnapoleonica e delle sue aspirazioni”.

ao desenvolvimento da fragmentação, enquanto a alienação age na ilusão de algum retorno. A teoria engana a prática ao ser possível a abstração de retorno, contudo, a impressão da história é desmentida pela geografia ao dar cabo do espaço aberto e rígido em sua veracidade no que diz respeito às marcas das diferenças continuamente ampliadas. A realidade explode do contido em uma espiralização que origina toda a Terra e o Mundo em uma vinculação imbricada ao Universo. Conforme se tenta desestilhaçar, o homem estilhaça ainda mais a natureza, em uma ação não-racional à razão de sua geografia.

Encontra-se, por fim, uma vinculação de espiralizações centralizadas a partir de um centro de explosão. Disso, porém, encaminha-se à defesa de diversidade de centros em estilhaçados fractais. Esta é a verdadeira oposição entre G. Hegel e C. Ritter, expondo a importância da dimensão geográfica (policêntrica) ao defronte linear (centralizado) da história. Isto é: “o Mediterrâneo euro-africano torna-se para Hegel o ‘eixo da história universal’, o único centro geográfico do mundo (ROSSI, 1975, p. 41) – algo inconcebível para Ritter, para quem o mundo ainda era uma esfera, portanto dotado de uma infinidade de centros”¹⁰ (FARINELLI, 2021, p. 99). E é isso. Cabe a indicação crítica para uma nova reelaboração do sentido prático do espírito em seu estilhaçamento. Desfacela-se não apenas de um centro, mas de vários centros em uma constelação de explosões.

É-se, nesse sentido, a conclusão aqui tomada: ao sentido policêntrico da geografia do espírito aos múltiplos estilhaçamentos. Desnuda-se uma constelação de estilhaçamentos, isto é, o espírito absoluto é múltiplo em centros de espiralização. Cada centro é um espiral, e cada espiral é repleto de centros. Do espírito absoluto até as pessoas cada identidade explode em suas diferenças. Ademais, tudo começa pela amálgama de diferenças e termina como disjunção de identidades. Encontra-se, porquanto, o fractal como essência espiritual da geografia em seu estilhaçamento. Essa indicação, exigindo um outro trabalho, ou seja, o espiralizante do próprio espiral, admite-se como uma conclusão em aberto, vinculada ao transbordar do que facultou o trabalho aqui até então construído e, ao fim, destruído.

Considerações finais

Ao passo de se perscrutarem as concepções de geografia e de espírito ao caminho hegeliano, versa-se pensar em uma coligação entre a proposição prática e teórica desse sentido. Em outras palavras, há, na história do pensamento geográfico, uma forte ligação entre os cânones modernos –

¹⁰ Tradução livre de: “*el Mediterráneo euroafricano se vuelve para Hegel el ‘eje de la historia universal’, el único centro geográfico del mundo (Rossi 1975, p. 41) – algo inconcebible para Ritter, para quien el mundo seguía siendo una esfera, por lo tanto, dotada de una infinidad de centros.*”

sobretudo C. Ritter, A. Humboldt e F. Ratzel – com a noção de espírito a partir de G. Hegel. Porém, existe, nesta teorização, um caminho da geografia do espírito à geografia do estilhaçamento, defronte ao absoluto para a realidade. Através da compreensão teórica há uma diversidade embutida no espírito que explode, no entanto, na prática, em sua historização, há uma centralidade hegeliana no continente europeu como cerne, embora nem inicial e nem final, mas privilegiado do espírito.

Em vista de retilhar para reelaborar o pensamento, abordou-se a compreensão do sentido prático dado por G. Hegel e, depois, o sentido teórico. Nisso, nota-se um descompasso de uma teoria do ser humano a partir da teoria do ser europeu. Empreende-se, ao revés, um sentido de espiralização em cada momento da espiralização, buscando uma maior complexidade ao espírito que dilacera consigo o homem e a natureza. Ambos estilhaçam juntos, apesar de a natureza ser coagida pelas pessoas alienadas, em uma busca de juntar (o estilhaçado) a si (também estilhaçado), em resoluto de uma replicação do estilhaçamento. Da conjunção, pela fé ou pela cultura, forma-se uma tentativa de remontar o espírito, transformar a geografia do estilhaçamento em história do absoluto.

O encontro para com sentido do espiral hegeliano exige sua destruição em outros espirais em cada momento. Pendula-se das diferenças no idêntico para as identidades no diferente: uma constelação de estilhaçamentos. Ao espírito, para geografizar sua história, requer uma concepção policêntrica. Diversos centros de explosão, em cada momento espiralizados: saber absoluto, religião, arte, espírito objetivo, espírito subjetivo, natureza, ideia, objetividade, conceito, efetividade, fenômeno, essência, medida, quantidade e qualidade. Isso em vista de estilhaçar o estilhaçamento também de cada momento do espírito da razão: história universal, Estado, sociedade, família, moral e direito privado. Como fractal, o estilhaçar entra em cada momento como espiralizante. O espiral é, pois, a própria geografização da história a partir do espiral de espirais e, ademais, nesse primeiro sendo já um espiral interestilhaçado em cada momento.

Convida-se, por fim, a vinculação entre a filosofia e a geografia em circularidade já que ambas contribuem-se mutuamente. Espera-se, inclusive, que este trabalho permita encorajar esta coligação evidenciando, pelo engajamento teórico, a tarefa desta ciência em discutir termos suprassensíveis como a noção de espírito. Em verdade, talvez seja impossível um mapa do espírito como fractal geográfico, contudo, ao pensamento geográfico é perfeitamente plausível uma conclusão que investigue a sua possibilidade. Almeja-se, também, que jamais a dificuldade da abstração seja entendida como menos que um estímulo ao avanço do conhecimento geográfico.

Referências

- ANTUNES, Jair. Hegel e os fundamentos geográficos da história – o clima e o solo como condicionantes de progresso ou atraso histórico. *Tempo da Ciência*, v. 12, n. 24, p. 61-71, 2006.
- ARANTES, Leonardo. Da “Geografia da Modernidade” à “Modernidade da Geografia”: a aniquilação do espaço pelo tempo e o projeto ritteriano de uma geografia “mais” científica. *GEOgraphia*, v. 20, n. 43, p. 136-155, 2018.
- ARRICÓ, José. O Bolívar de Marx. In: MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo: Martins, p. 7-32, 2008.
- BRITO, Thiago. Humboldt entre a filosofia da natureza e a ciência moderna. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, v. 27 n. 2, p. 195-208, 2015.
- BRITO, Thiago. Região: leituras possíveis de Milton Santos. 2007. 164f. *Dissertação* (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.
- CHÂTELET, François. Hegel e a geografia. *Geosul*, v. 4, n. 7, p. 45-62, 1989.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- DANCINI, Alex; MELO, José. A crítica de Marx a Bolívar e a crítica de um marxista latino-americano a Marx. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 6, n. 11, p. 219-231, 2014.
- ESTRABÓN. *Geografía: Libros I-II*. Tradução de: J. L. García Blanco e J. García Ramón. Madrid: Gredos, 1991.
- FARINELLI, Franco. *Polifemo cegador: la geografia y los modelos del mundo*. Ciudad de México: UNAM, Instituto de Geografía, 2021.
- KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- PLATÃO. Fédon. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HEGEL, Georg. *A razão na história*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- HEGEL, Georg. *Fenomenologia do espírito*. 9º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HEGEL, Georg. *Filosofia da História*. Brasília: Ed. UNB, 1995.
- HEGEL, Georg. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HUMBOLDT, Alexander. *Letters of Alexander Von Humboldt: written between the Years 1827 and 1858, to Varnhagen von Ense; together with extracts from Varnhagen's diaries, and letters from Varnhagen and others to Humboldt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- HUMBOLDT, Alexander. *Quadros da natureza*. São Paulo: W. M. Jackson, v. 2, 1970 [1849].
- MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo: Martins, 2008.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- PAPA, Ernesto. *Introduction: Philosophy and Geography*. *Journal of Interdisciplinary History of ideas*, v. 6, n. 12, p. 1-9, 2017.
- PEREIRA, Maria. A Geografia no pensamento filosófico. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, ano 5, n. 10, p. 31-37, 2006.
- RATZEL, Friedrich. Geografia do Homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antonio (Org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, p. 32-107, 1990.
- RITTER, Carl. Sobre o elemento histórico na ciência geográfica (1833). *GEOgraphia*, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 20, n. 43, 2018.
- ROSSI, Pietro. *Storia universale e geografia in Hegel*. Firenze: Sansoni, 1975.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6º ed. São Paulo: Ed. USP, 2008.
- TANCA, Marcello. *Cartografie dell'attualità. Per una critica della ragion spaziale*. *Philosophy kitchen*, a. 2, n. 2, p. 27-44, 2015.
- ZEA, Leopoldo. *Humboldt y el otro descubrimiento*. *Cuadernos Americanos*, n. 78, p. 11-19, 1999.